



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Alteridade e responsabilidade no pensamento de Lévinas

Por: Luis Fernando de Carvalho Souza

Resumo

O artigo visa tratar do tema da responsabilidade e alteridade no pensamento de Emmanuel Lévinas. Para isso é necessário que se faça uma pequena incursão no pensamento do filósofo para entender as relações perpendiculares que se estabelecem em torno da problemática. Assim eu, outro, mesmo e totalidade são conceitos que aparecem e que serão trabalhados a fim de elucidar algumas questões e possibilitar a melhor compreensão da responsabilidade pelo outro no pensamento levinasiano.

Palavras-chave: responsabilidade, eu, outro, ética, alteridade.

Rezumo

La artikolo celas trakti la temon de respondeco kaj aliaĵo en la pensado de Emmanuel Lévinas. Por tio necesas malgrandan atakon en la penso de la filozofo kompreni la normalajn rilatojn, kiuj estas establitaĵoj ĉirkaŭ la problemoj. Do mi, alia, eĉ kaj pleneco estas konceptoj, kiuj aperas kaj tio estos eksplodita por klarigi iujn demandojn kaj ebligigi pli bonan komprenon pri la respondeco de la alia en la penso de la Levina.

Ŝlosilvortoj: *Respondeco; Mem; Alia; Etiko; Alieco.*

Abstract

Or the article deals with the issue of responsibility and alterity of not thinking of Emmanuel Lévinas. It is necessary for a small incursion not to be thought of as a philosopher to understand the perpendicular relationships that are established around problems. So I, another, even and totality are concepts that appear and that will be worked out in order to elucidate some questions and to enable a better understanding of the responsibility for the other in the levinasian thought.

Key-words: *responsibility, I, other, ethics, alterity.*

Introdução

Por que sou responsável pelo Outro? Essa é a questão que norteará o desenvolvimento deste artigo, uma vez que, é fundamental problematizar a questão da responsabilidade diante do Outro. Tal premissa é preponderante no pensamento de Emmanuel Lévinas.

Quando nos indagamos sobre a ética da alteridade e conseqüentemente sobre a responsabilidade não o podemos fazer sem, ao menos, uma referência à Lévinas. Certamente



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esse é um dos ícones do pensamento filosófico contemporâneo sobre a temática. Ética, alteridade, responsabilidade e crítica ao pensamento excessivamente centrado no eu são características marcantes no pensamento do filósofo, por isso esse artigo tem por intuito percorrer características centrais da filosofia de Lévinas para, enfim, entender a missão da responsabilidade em relação ao outro.

Em busca de uma ética da responsabilidade

O tema da responsabilidade em relação ao Outro é fundante no pensamento levinasiano, de maneira que, é essencial destacar a concepção de alteridade em Lévinas, sobretudo, quando se trata da questão ética com ênfase na alteridade. Por esse motivo, iniciaremos pontuando as principais características da ética da alteridade e suas peculiaridades.

Para Lévinas, a ontologia encerra a compreensão das relações sempre em torno do ser. Dessa maneira, a relação com o Outro somente se realiza a partir de Eu, ou seja, o ponto de partida é o ser que estabelece a relação com o Outro na perspectiva do ente. Nesse sentido, salienta Lévinas, a filosofia passa a ser uma “egologia” (LÉVINAS, 1980, p.32). É necessário, portanto, uma maneira peculiar de tratar da questão do ser e sua relação com o Outro.

Em *Totalidade e Infinito* (1980), Lévinas trata a questão do ser e sua dualidade em relação direta com o ente. Trata-se de dois sentidos que norteiam tal relacionamento. Korelc, analisando *Totalidade e Infinito*, menciona que “Lévinas, já no título da obra, contrapõe duas conjunções do ser: totalidade e a ideia de infinito” (KORELC, 2006, p.161). Tal dualidade indica a relação entre o Eu (ser) e o Outro. As relações tratadas por meio da interioridade e da exterioridade indicam maneiras diferentes do modo de ser de cada elemento. A totalidade, nesse sentido, indica a existência do ser em um mundo fechado em que o ser é tudo, e todas as coisas convergem para este. Lévinas atesta que

Ser eu significa, além de toda individuação que se pode obter de um sistema de referências, ter a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que fica sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste no identificar-se, reencontrar a própria identidade através de tudo aquilo que lhe sucede. É a identidade por excelência, a obra originária da identificação (LÉVINAS, 1980, p.34).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dentro dessa constatação, o ser vive numa dinâmica em que tudo é dado como real, e as coisas passam a adquirir sentido a partir de sua existência – por isso a problematização de Lévinas de uma ética que vislumbre a existência a partir do Outro como interlocutor. O filósofo coloca duas possibilidades de relação como o Outro. Ou a partir da totalidade, como um mundo fechado, gravitando em torno do ser; ou a partir da alteridade tendo-o como interlocutor. Por isso, pontua que “Compreender uma pessoa é falar-lhe. Por existência de outrem, deixando-a ser, é já ter aceito essa existência, tê-la tomado em consideração” (LÉVINAS, 2004, p.31). Essa compreensão é a ideia de infinito de sua obra, uma vez que, infinito é a possibilidade de abertura à alteridade e a sensibilidade do ser em relação ao Outro. Nas palavras de Susin, “O infinito faz sinal e **diz** na infinição da imolação. Na inspiração e na animação sempre excessivas, vigora um Dizer além de todo Dito, uma significância que faz sinal puro, antes ainda de signos em um sistema” (SUSIN, 1984, p.393). A preocupação de Lévinas é tratar da relação Eu-Outro e os desdobramentos que podem ser estruturados por essa relação, já que o ser não possui a mesma significação para ambos (Eu e Outro); por isso é que se parte, por exemplo, da crítica à totalidade e da distinção entre o ser, o Mesmo e o Outro para melhor compreender as relações éticas.

É necessário destacar que a concepção de ser em Lévinas difere da de Heidegger. Para Lévinas, Heidegger defende a existência do ser vinculada à facticidade temporal, “A ontologia, dita autêntica, coincide com a facticidade da existência temporal. Compreender o ser enquanto ser é existir” (LÉVINAS, 2004, p.24). Lévinas aponta para a existência do ser no interior do mundo e sua posição relacional referente ao Outro. Por este motivo distingue o Eu e o Outro em sua relação com o ser.

Quem é o Eu para Lévinas? Um sujeito que sempre concebe o mundo a partir de si. Conforme Korelc, “o eu é sempre o si-mesmo, perante toda a alteridade confunde-se consigo mesmo, incapaz de separar-se de si” (KORELC, 2006, p.162). É a constituição das relações partindo de si mesmo em relação a outrem; é a forma de viver que não se relaciona com o Outro de maneira a interagir com ele. Lévinas pontua, ainda, que o Eu é o ser que vive como se fosse o centro, pois afirma que “o que vive na totalidade existe como totalidade, como se ele ocupasse o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

centro do ser e fosse sua fonte, como se tirasse tudo do aqui e do agora [...]” (LÉVINAS, 2004, p.39). O Eu, por vezes, confunde-se com o Mesmo, uma vez que, até em suas alterações, ele pensa a partir de si, pois “Ele se escuta pensar e se surpreende dogmático, estranho para si. Por que o Eu e o Mesmo, diante dessa alteridade, se confunde consigo mesmo [...]” (LÉVINAS, 1980, p.34). Nesse sentido, o Eu-Mesmo possui uma identidade sendo o sujeito constituinte das relações. Isso gera um grande entrave para pensar a relação que se estabelece em sua interioridade, posto que se confunde sempre consigo mesmo; isto é, o Eu é, em suma, a condição de o Mesmo.

Como aparece a fusão do Eu-Mesmo no pensamento de Lévinas? A fusão e a maneira que expressa o modo de ser do Eu em Lévinas aparece de forma concreta a partir de sua corporeidade; ou seja, de sua produção, a partir de si mesmo. Isso é denominado **interioridade**, que pode ser descrita como “processos de identificação e consciência desde a condição corporal” (SUSIN, 1984, p.156). O modo de ser do Eu apresenta-se ao mundo por meio de sua produção, ou seja, o Eu identifica-se a partir de si mesmo e não de fora, pois sua identificação se dá a partir de seu processo de produção, de sua interioridade. Como salienta Korelc, “A identificação do Eu por meio deste processo da sua “produção”, realização ou seu modo de ser, isto é, a partir da sua interioridade, é a identificação do Eu a partir dele mesmo e não a partir de fora, de um termo exterior, ou por meio do pensamento formal” (KORELC, 2006, p.162). As produções do Eu são definidas por Lévinas como relações econômicas, que são, conforme Susin, a produção no mundo: “o homem vai, pois, ao mundo a partir da casa, e o mundo é o mundo em torno da casa” (SUSIN, 1984, p.54). Nesse sentido,

“o Eu identifica-se através de sua produção, sendo que “os ‘momentos’ dessa identificação – o corpo, a casa, o trabalho, a posse, a economia – não devem figurar como dados empíricos e contingentes, chapeados sobre uma ossatura formal do Mesmo; são as articulações dessa estrutura” (LÉVINAS, 1980, p.25).

Dessa forma, a relação do Eu na interioridade de seu ser é descrita pela produção que o mesmo efetua a partir de si em interação com seu mundo.

Como o Eu encontra o Outro em Lévinas? Mesmo no processo constitutivo do Eu -em sua interioridade - há abertura para elementos que proporcionam o encontro com o Outro e

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interface com a alteridade em determinadas situações, que podem ser denominadas como sensibilidade concreta. Como salienta Susin, “Se o eu não pode dar-se à alteridade, há situações em que é levado a expor-se à alteridade” (SUSIN, 1984, p.178). Quais situações são essas? Korelc chama tais situações de “desformalização do processo de identificação do ser” (KORELC, 2006, p.163), que são as experiências empíricas no processo de constituição da identidade que se apresentam como experiências concretas e propiciam a abertura do Eu à alteridade, favorecendo o encontro com o Outro. Há, precisamente, um momento em que Lévinas acentua essa relação a partir do Eu? Sim. Quando isso acontece? “quando concebe a exterioridade para além de sua natureza de vivente, que o contém quando ela se torna consciência de si ao mesmo tempo em que a consciência da exterioridade ultrapassa sua natureza, quando ela se torna metafísica” (LÉVINAS, 2004, p.41). Metafísica, para Lévinas, constitui-se na “exterioridade absoluta” (LÉVINAS, 1984, p.23) e expressa a diferença de toda a distância entre o Eu e o Outro.

Nas relações denominadas econômicas, o Eu estabelece a interação com o espaço em que se insere, dessa maneira, interage com mundo, de maneira que a fundação de um lar; a intimidade com alguém; as relações que são mediadas pelo corpo (trabalho, posse, comércio, etc.) já se apresentam como interpeladoras do próprio ser em seu mecanismo “egoico”. Tal abertura propicia a possibilidade do encontro com o Outro. Nessa relação é que vislumbra a presença do Outro se revelando a partir de uma manifestação metafísica em relação ao ser.

Quais são as condicionantes dessa relação? Lévinas atenta para que a relação do Eu com o Outro não seja subsumida à categoria de o Mesmo, pois, se assim for, a alteridade não será respeitada. A condição é que o encontro seja produzido por uma relação em que se diferencie cada ente a partir de um encontro que facilite, de fato, tal distinção que há entre ambos. Lévinas descreve o encontro da seguinte maneira: “Uma relação cujos termos não formam uma totalidade só podem ser produzida, pois, na economia geral do ser como trânsito do Eu ao Outro, como *cara a cara*, como perfilando uma distância em profundidade [...]” (LÉVINAS, 1980, p.24). Tal distância em profundidade é caracterizada pela relação metafísica que separa o Eu do Outro; dessa maneira, para que haja a possibilidade do encontro, é necessário que o ser transcenda e se abra ao contato com o Outro, uma vez que a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desformalização e as experiências empíricas são fatores que interpelam criticamente o Eu em sua condição de egoísmo.

Como Lévinas descreve o Outro em contato com o Eu?

O Outro com o que o metafísico está em relação e que *reconhece como outro* não está simplesmente em outro lugar. Ocorre como as ideias de Platão, que segundo a fórmula de Aristóteles, não está em nenhum lugar. O *poder* do Eu não fraquejará a distância a que indica a alteridade do Outro [...]. O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente o Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (LÉVINAS, 1980, p.26).

Susin explica que, em Lévinas, há o processo de identificação e autoidentificação do Eu como o Mesmo. Sendo assim, o Eu retorna a si na ênfase de o Mesmo. De que modo isso acontece? De acordo com Susin, “pelo saber e pela consciência” (SUSIN, 1984, p.89).

A proposta de Lévinas está em romper com a totalidade; isto é, não considerar o Outro apenas do ponto de vista formal, mas colocá-lo como sujeito possuído de um conteúdo com quem o Eu – identificado em sua construção identitária como o Mesmo – como alteridade concreta, pois, uma vez que a consideração do Outro do ponto de vista estritamente formal faz que ele seja tratado como um ente a mais na totalidade, e a proposta para a transcendência, a partir de Lévinas, é, justamente, relacionar-se com o Outro partido do pressuposto da exterioridade, ou seja, reconhecendo sua alteridade como concreta e real.

O grande debate de Lévinas se dá em torno da filosofia tradicional formatadora do pensar ocidental. Por isso, sua ética da alteridade se distingue, sobretudo, por seus pressupostos ontológicos. Korelc descreve a alteridade na filosofia levinasiana da seguinte maneira: “Contra a tradição filosófica ocidental, Lévinas afirma uma diferença originária, assimetria e irreversibilidade entre o Mesmo e o Outro. O Outro é transcendência”. (KORELC, 2006, p.164).

A possibilidade de relação entre o Mesmo e o Outro se faz por meio de um encontro do face a face em que há a revelação do Outro de forma concreta. Por isso não se trata de uma relação de alteridade meramente formal, mas sim de uma alteridade real concreta na qual o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Outro se manifesta por sua face e interpela e provoca a reação do Eu frente ao distinto: Outro. De maneira conceitual, Rodrigues define a alteridade do real:

O corpo é uma alteridade em sentido fraco ou lato, é o eu ainda não coincidente consigo, ou sempre em vias de identificação. A alteridade, em sentido forte e estrito, isto é, o rosto, é outro – é outrem, *alter huic*. O rosto é o fora por excelência: é exterioridade. Por isso que, enquanto exterioridade, o rosto não está ao alcance do meu ver e do meu tocar e pegar (estas, enquanto extensões do ver perscrutador, instrumentais da liberdade do cogito), expressões clássicas do apreender, do compreender e tomar para si (RODRIGUES, 2016, p.53).

Tem-se, dessa forma, a relação que é estabelecida de forma concreta em relação ao Outro, mas Lévinas condiciona essa relação da seguinte maneira: “alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo, cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada na relação, ser o mesmo, não relativa, mas absolutamente” (LÉVINAS, 1980, p.24). O que isso significa na prática? Significa partir de uma relação com o Eu distinto, que se coloca interlocutor da transcendência. A revelação do Outro ao Eu é uma relação metafísica que tem na transcendência sua expressão. Não é uma relação que o reduz a um ente dentro dos limites da totalidade, mas dá-se, cabalmente, a partir da exterioridade. Lévinas assente que o Outro deve ser tratado em sua alteridade, em relação ao Eu, como senhor. De maneira que “O Outro, como senhor, pode servir-nos como exemplo de uma alteridade que não é com *relação* a mim, alteridade que, pertencendo à essência do Outro, sem dúvidas, só é visível a partir de mim” (LÉVINAS, 1984, p.106). A revelação do Outro ao Eu serve como eixo interlocutor e possibilita a ruptura com a lógica do pensamento no âmbito estrito da totalidade.

Por que Lévinas problematiza o pensamento estruturado desde a totalidade? Lévinas o faz pelo fato de ser a totalidade o horizonte em que os entes são concebidos a partir da homogeneidade reduzidos sempre à condição de o Mesmo. Isso depreende a perda de sua individualidade e descaracterização total da alteridade. Quando todos são reduzidos aos mesmos horizontes, suas peculiaridades são diluídas e isso abre precedentes para o que Lévinas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

denomina guerra¹. Quais as implicações disso? De acordo com Lévinas, “Essa totalidade exige que um ser livre possa dominar outro ser livre. Se a violação de um ser por outro é injustiça, a totalidade não pode constituir-se senão pela injustiça [...]” (LÉVINAS, 2004, p.52). A totalidade encerra a multiplicidade de entes num mesmo horizonte, por isso há a necessidade de abrir-se ao horizonte da exterioridade para que haja a relação de interação e constituição de uma relação com o distinto, como o Outro, que, por ser diferente do Eu, interpela e provoca a reação diante de sua condição de *alter*.

Lévinas entende que a dimensão da totalidade faz com que o ser esteja sempre buscando a redução do Outro à categoria de o Mesmo: estado de guerra. A possibilidade de ruptura desse sistema só se faz por meio da crítica à totalidade e uma ética pensada desde a exterioridade. Sendo assim, o Outro é o que interpela e faz que o ser vislumbre essa mudança. Como isso acontece? A relação que coloca o Outro de frente com o Eu - de face a face - exige uma resposta. Qual é a resposta? Uma atitude que transcende o ser e o relaciona com o Outro visando não reduzi-lo. Como Lévinas denomina isso? Lévinas chama essa relação de bondade. Como salienta o autor:

Ser eu não é simplesmente a encarnação de uma razão, é precisamente ser capaz de ver a queixa da vítima ou o rosto. O aprofundamento de minha responsabilidade no juízo que se refere a mim não pertence à ordem da universalização: para além da justiça das leis universais, o eu entra em juízo pelo fato de ser bom. A bondade consiste em implantar-se no ser de tal modo que o Outro conta ali mais do que eu mesmo. A bondade comporta assim, para o eu exposto, a alienação de seus poderes para a morte, a possibilidade de não ser para a morte (LÉVINAS, 1980, p.224-225).

Nesse sentido, a bondade é o que transcende o ser, relacionando-o com o Outro que interpela desde a exterioridade. Quando não se fixa na totalidade e não age de acordo com a dinâmica de totalização do Outro, abre-se para a possibilidade de pensar a partir da alteridade. Sendo assim, Lévinas estabelece que há responsabilidade do ser em relação ao Outro, de respeito e promoção do bem. Nesse sentido, a bondade é uma atitude ética de responsabilidade pelo

¹O conceito de guerra pode ser entendido como a identidade dos indivíduos na construção da interioridade sempre em expansão. Nesse sentido, os entes entram em conflito por não abrirem-se ao Outro metafísico gerando, dessa maneira, o estado de guerra. (SUSIN, 1984, p.131).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Outro. Em que implica essa responsabilidade? Na não redução do Outro à categoria de ente e a promoção do bem ao invés do estado de guerra, característico da totalidade.

De acordo com Korelc, aqui reside a grande questão do pensamento de Lévinas, pois vai do simples pensar ontológico ao pensamento ético, concreto, uma vez que se assume uma postura radical de responsabilidade em relação ao Outro por meio do rompimento ou crítica à totalidade e transcendência em relação à exterioridade.

A partir daqui compreende-se claramente que a noção do ser, tal como Lévinas a pensa na obra *Totalidade e Infinito*, não diz mais respeito à ontologia. A ontologia, a abordagem teórica do ser dos entes, deve ser ela mesma entendida doravante como um modo de ser, modo de relacionar-se com o Outro. Na ontologia, o ser revela-se como guerra do Mesmo contra o Outro. O ser é, portanto, corretamente entendido em termos não teóricos, mas “práticos” em termos de ética (KORELC, 2006, p.217).

Qual é a tônica da ética proposta por Lévinas em *Totalidade e Infinito*? É que a problematização da totalidade faz que o ser assuma a responsabilidade pelo Outro de forma a não estabelecer com ele a guerra e a reprodução da violência. Como isso é possível? Pela lógica inversa. Qual é a lógica inversa da guerra em Lévinas? O bem. Como isso é estabelecido? Numa relação transcendente em favor do Outro. Tal relação marca o momento de responsabilidade do Eu em relação à alteridade do Outro, e esse movimento faz que a ética levinasiana rompa com uma perspectiva estritamente ontológica e vislumbre uma justiça ética em relação ao Outro.

Conclusão

A ética da responsabilidade passa pela crítica à totalidade e do bem como missão do ser responsável. Esse é a tônica da obra de Lévinas que tem perpassado os últimos quarenta anos e tem influenciado uma gama de pensadores, dentre os quais alguns latino-americanos como Enrique Dussel e o economista Franz Hinkelammert.

O bem. Esse deve ser o prisma da responsabilidade em relação ao outro. Com maestria Lévinas sinaliza para o caminho de uma ética responsabilmente comprometida com o respeito à alteridade. Nesse sentido, o filósofo contribui para problematizar a questão do egoísmo de dos valores de mercado em que o mundo atual imerge-se cada vez mais. Sua filosofia é, ao mesmo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tempo, desafiadora e propositiva, pois contribui para a superação de alguns entraves envolvendo a ética e a responsabilidade.

Referências

- KORELC, Martina. **O problema do ser na obra de Emanuel Lévinas**. 2006. Tese de doutorado em filosofia. Porto Alegre. Pontifícia Universidade Católica.
- LÉVINAS, Emanuel. **Entre nós: ensaios sobre alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- RODRIGUES, Tiago dos Santos. **A alteridade do real ou a in-condição proletária: ensaio sobre a significância e justiça em Emmanuel Lévinas**. Dissertação de mestrado em filosofia. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 2016.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**. Petrópolis: Vozes, 1984.